

## ARQUEOLOGIA NA ANTIGA SENZALA DA FAZENDA DO PINHAL, SÃO CARLOS, SÃO PAULO

### ARCHAEOLOGY AT THE FORMER SLAVE QUARTERS OF PINHAL PLANTATION, SÃO CARLOS, SÃO PAULO

Renato Kipnis <sup>a</sup>

Mariane Pereira Ferreira <sup>b</sup>

Lucília Santos Siqueira <sup>c</sup>

Marcelo Eme <sup>d</sup>

Jeane Santana de Assis <sup>e</sup>

Joana D'Arc de Oliveira <sup>f</sup>

<sup>a</sup> Ph.D. em Antropologia/Arqueologia. Diretor e Arqueólogo da Scientia Consultoria Científica. rkipnis@scientiaconsultoria.com.br

<sup>b</sup> Mestre em Arqueologia. Arqueóloga da Scientia Consultoria Científica. marianearqueologia@alumni.usp.br

<sup>c</sup> Doutora em História Social. Professora de Memória e Patrimônio no Curso de História na UNIFESP, onde integra o programa de mestrado profissional de formação de professores, o ProfHistória. lsiqueira@unifesp.br

<sup>d</sup> Graduando em Ciências Sociais-USP. Bolsista em Antropologia Visual no LISA-USP, documentarista e pesquisador no campo do patrimônio cultural. marceloeme@usp.br

<sup>e</sup> Bacharel em Arqueologia. Arqueólogo da Scientia Consultoria Científica. jeane.arqueo.s@gmail.com

<sup>f</sup> Doutora em Arquitetura e Urbanismo. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design Universidade de São Paulo (FAU-USP). joanadarcoliveira@usp.br

## RESUMO

Este artigo discute o papel da arqueologia na construção de uma memória social plural sobre a diáspora africana no Brasil, a partir do estudo de caso da Fazenda do Pinhal (São Carlos/SP), patrimônio nacional e estadual desde os anos 1980. As escavações realizadas entre 2022 e 2025, no edifício da antiga senzala, revelaram estruturas preservadas in situ, como fogueiras e pisos de chão batido, e um expressivo conjunto de cultura material associado ao cotidiano, espiritualidade e resistência de pessoas escravizadas. Conduzido de forma colaborativa com moradores, ativistas, religiosos, pesquisadores e educadores, a pesquisa arqueológica operou como instrumento de escuta e ressignificação, enfrentando apagamentos físicos e simbólicos e abrindo espaço para narrativas afrocentradas. Parte dos depoimentos analisados foi colhida no contexto da produção de um filme documentário, também elaborado por integrantes do projeto. O trabalho evidencia como objetos como cachimbos, contas e moedas se tornam mediadores de experiências afetivas e espirituais, ao mesmo tempo em que a própria escavação se converte em espaço de reencontro, memória e cura. Ao integrar escuta social, práticas participativas e análise material, a pesquisa propõe uma arqueologia crítica, sensível e politicamente comprometida com o reconhecimento e valorização da presença negra na história do Brasil.

## PALAVRAS-CHAVES

Arqueologia da Diáspora Africana; Memória Social; Participação Comunitária; Senzala – Fazenda do Pinhal

---

## ABSTRACT

This article discusses the role of archaeology in constructing a plural social memory of the African diaspora in Brazil, based on the case study of Fazenda do Pinhal (São Carlos/SP), designated as national and state heritage since the 1980s. Excavations conducted between 2022 and 2025 at the site of the former slave quarters revealed well-preserved in situ structures such as fire pits and compacted earth floors, as well as a significant collection of material culture associated with the daily life, spirituality, and resistance of enslaved individuals. Carried out collaboratively with residents, activists, religious leaders, researchers, and educators, the archaeological research served as a tool for listening and re-signification, confronting physical and symbolic erasures and creating space for Afro-centered narratives. Part of the analyzed testimonies were gathered during the production of a documentary film also developed by members of the project. The work demonstrates how objects like pipes, beads, marbles, and coins become mediators of affective and spiritual experiences, while the excavation itself becomes a space for reconnection, memory, and healing. By integrating social listening, participatory practices, and material analysis, the research proposes a critical, sensitive, and politically engaged archaeology that values Black presence in Brazilian history.

## KEYWORDS

Archaeology of the African Diaspora; Social Memory; Community Participation; Slave Quarters – Fazenda do Pinhal

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

KIPNIS, Renato; FERREIRA, Mariane Pereira; SIQUEIRA, Lucília Santos; EME, Marcelo; ASSIS, Jeane Santana; OLIVEIRA, Joana D'Arc. Arqueologia na antiga senzala da fazenda do Pinhal, São Carlos, São Paulo. Cadernos do Lepaarq, v. XXII, n. 44, p. 149 - 172, Jul-Dec, 2025.

## ENTRE PERMANÊNCIAS E RUPTURAS: A HISTÓRIA DA FAZENDA DO PINHAL, O PLANO DIRETOR E A EMERGÊNCIA DE UMA ARQUEOLOGIA CRÍTICA

A história da Fazenda do Pinhal se entrelaça com os caminhos da expansão cafeeira e com as violências estruturantes da escravidão no interior paulista. Sua formação remonta aos anos de 1830, vinculada à exploração da antiga sesmaria dos Arruda Botelho. Nas décadas seguintes, já sob comando de Antônio Carlos de Arruda Botelho (ACAB), o futuro conde do Pinhal, a propriedade se firmava como unidade cafeeira de destaque, com uma escravaria de quase cinquenta pessoas e participação ativa na fundação do núcleo urbano de São Carlos.

Ao longo da segunda metade do século XIX, ACAB e Ana Carolina, sua segunda esposa e futura condessa, consolidaram não apenas um império agrário, mas também redes de poder político e financeiro que atravessaram a região e o período. Quando ACAB faleceu, em 1901, deixava um patrimônio formado por dezenas de fazendas, uma ferrovia e bancos, marcando profundamente o avanço do capital no Oeste Paulista.

A narrativa oficial, por vezes alimentada por memorialistas e pelo próprio discurso institucional da fazenda, consolidou a imagem do Pinhal como morada da aristocracia rural. No entanto, como tantas outras famílias senhoriais, os Arruda Botelho já haviam transferido seus hábitos de moradia para os centros urbanos ainda no final do Oitocentos. A suposta centralidade residencial da sede rural revela-se, assim, mais como construção simbólica do que como prática cotidiana.

Após um longo período de abandono no século XX, o imóvel passou por reformas capitaneadas por Helena Carvalhosa e Modesto Carvalhosa, culminando nos tombamentos<sup>1</sup> estadual (1981) e federal (1987). Posteriormente, sob propriedade de Fernão Bracher, a fazenda passou a abrigar iniciativas educativas e culturais e, a partir de 2021, iniciou-se um novo ciclo de requalificação patrimonial. Essa transformação tem como marco o Plano Diretor de Gestão Patrimonial (PDGP)<sup>2</sup>, elaborado por Paulo Garcez Marins, atual Diretor do Museu do Ipiranga/USP em diálogo com Lucília S. Siqueira, estudiosa da sociedade cafeeira paulista e professora da área de patrimônio no Departamento de História da Unifesp-Universidade Federal de São Paulo, com o objetivo de reconfigurar os usos, sentidos e narrativas sobre o Pinhal.

Entre suas diretrizes, o PDGP propõe uma inflexão conceitual: deixar de tratar o espaço como “Casa do Pinhal”, expressão que reforça o protagonismo dos proprietários, e compreendê-lo como Fazenda, espaço de trabalho, conflito e produção (MARINS, 2021 p. 09). Tal mudança implica reconhecer a centralidade dos trabalhadores e a materialidade de sua presença no espaço rural, inclusive por meio da arqueologia. Nesse processo de resgate e reinterpretação da história

<sup>1</sup> O tombamento municipal só veio no século XXI, em 2012.

<sup>2</sup> Na implementação deste Plano Diretor – PDGP, a Professora Dra. Lucília S. Siqueira exerce a coordenação dos conteúdos, em conformidade com o Acordo de Cooperação formalizado entre a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e a Fazenda do Pinhal. Para a condução e gestão das múltiplas frentes de atuação previstas no projeto, contratou-se o Instituto Pedra, entidade de natureza jurídica privada, sem fins lucrativos, sob a presidência de Luiz Fernando de Almeida, ex-presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no período de 2006 a 2012, notabilizada pela execução de expressivos projetos na área de preservação do patrimônio cultural no território brasileiro.

da fazenda, o trabalho com fontes documentais tem sido igualmente fundamental. Ana Gabriela da Silva Santos<sup>3</sup>, historiadora e educadora da Fazenda do Pinhal, tem se debruçado sobre os registros paroquiais, que, embora não documentem a totalidade das trajetórias das pessoas escravizadas, não sabemos, por exemplo, se todas as uniões entre escravizados foram oficializadas como casamentos, já permitem identificar origens, vínculos familiares e redes internas formadas entre os cativos de ACAB. Uma das ações previstas nesse sentido foi justamente a prospecção arqueológica da antiga senzala e de seus arredores, intervenção que se tornou o eixo da pesquisa apresentada neste artigo.

Consideradas historicamente como espaços de moradias escravas, as senzalas, urbanas ou rurais, têm sido lidas na contemporaneidade, como lugares de memórias difíceis, por serem materialidades representativas de um dos períodos mais cruéis e violentos da história da humanidade, a escravização de africanos e africanas.

Vale salientar que as metodologias no campo da historiografia direcionadas ao tratamento de tais memórias têm exigido cada vez mais o diálogo com outras áreas do conhecimento. Nos debates científicos sobre as formas de lidar com tais vestígios, tem-se apontado a importância da preservação das materialidades que se configuram em testemunhos das violências, disputas, resistências e conflitos da história. A partir de tais testemunhos é possível lançar debates, questionar narrativas e ainda, visibilizar sujeitos e culturas historicamente ocultadas. O historiador David Ribeiro (2022), destaca o quão necessário é abordar histórias e memórias difíceis e confrontar as permanências que tornam esse passado uma presença constante.

Nesse sentido, a antiga senzala da Fazenda do Pinhal pode ser compreendida como um lugar de memória difícil, onde camadas de sofrimento e violência se entrelaçam a experiências de vida, afeto e resistência. Mais do que um cenário de dor, esse espaço abriga histórias de pessoas que, apesar das condições impostas pelo regime escravista, construíram relações, criaram vínculos familiares, celebraram espiritualidades e articularam formas diversas de existência e sobrevivência. Reconhecer esse passado não é apenas rememorar o trauma, mas também valorizar as vidas que ali se desenrolaram e as memórias que persistem. As ações arqueológicas, os encontros comunitários e as narrativas construídas em torno da escavação permitem ativar esse lugar como espaço de memória viva, um território onde se reconhecem as contribuições negras à história local e nacional, e onde o passado é mobilizado como força para práticas presentes de escuta, justiça e pertencimento.”

Foi nesse caminho que se lançou a proposta de recuperar a história das pessoas escravizadas no Pinhal, a qual, no entanto, revelou-se um desafio. A lacuna de fontes documentais diretas,

<sup>3</sup> Na Fazenda do Pinhal, os educadores vinculados ao CEPE (Centro de Estudos da Fazenda do Pinhal) desempenham um papel que vai muito além da mediação das visitas. São também pesquisadores ativos, envolvidos na construção crítica dos conteúdos que apresentam ao público, a partir de investigação documental, articulação com estudos acadêmicos e reflexões sobre o patrimônio. Entre esses profissionais, destaca-se a atuação de Ana Gabriela da Silva Santos, historiadora e doutoranda em História Social pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), cuja pesquisa examina as formas de representação da escravidão em fazendas cafeeiras transformadas em espaços de visitação.

como inventários, listas de matrícula e registros de alforria, exigiu o recurso a registros paroquiais e à escuta das memórias locais. Nesse processo, a edificação da senzala, ainda existente embora modificada, passou a ser vista como a chave material mais promissora para acessar esse passado. Edificada ainda na primeira metade do século XIX, a senzala permaneceu ocupada ao longo das décadas, recebendo diferentes nomes e usos. No entanto, o conhecimento de sua função original havia se perdido, inclusive entre famílias que ali viveram por gerações.

Nesse contexto que a arqueologia passou a operar também como instrumento de escuta e revelação. As escavações realizadas entre 2022 e 2025, associadas a práticas colaborativas, participativas e ações educativas, abriram caminho para um processo de resgate não apenas de vestígios materiais, mas também de silêncios, ausências e disputas em torno da memória. As camadas de terra, como se verá, trouxeram à tona não apenas estratos de um passado escravocrata e de conflitos, mas também experiências de pertencimento, dor, resistência e resiliência que seguem reverberando no presente.

### **A ARQUEOLOGIA EM CAMADAS: METODOLOGIAS, VESTÍGIOS E PARTICIPAÇÃO**

As investigações arqueológicas na Fazenda do Pinhal tiveram início em 2022, impulsionadas pelas diretrizes do Plano Diretor de Gestão Patrimonial, que indicava a necessidade de reinserir o trabalho e os trabalhadores na paisagem rural. Em um primeiro momento com o objetivo de averiguar o potencial sobre remanescentes de cultura material, de restos orgânicos e de estruturas arqueológicas associados aos escravizados, trabalhadores livres e colonos; e também gerar tanto uma coleção arqueológica para exposição/musealização, quanto conhecimento a ser socializado - conhecimento esse, que a pesquisa arqueológica tem o potencial de produzir, e que poderia contribuir para preencher lacunas historiográficas a respeito desses grupos sociais. Diversos locais foram explorados ao longo da pesquisa (*i. e.* os entornos da tulha, da antiga serraria e da colônia, Figura 1), mas foi na antiga senzala que apresentou maior potencial informativo e onde nossos esforços se concentraram (Figura 2). Espaço cujo uso original havia sido progressivamente obscurecido ao longo do século XX, a senzala foi escolhida como foco principal das escavações, não apenas pelo potencial arqueológico e relevância histórica, mas também por sua importância simbólica enquanto testemunho das camadas de silêncio e apagamento construídas sobre a experiência da escravidão.

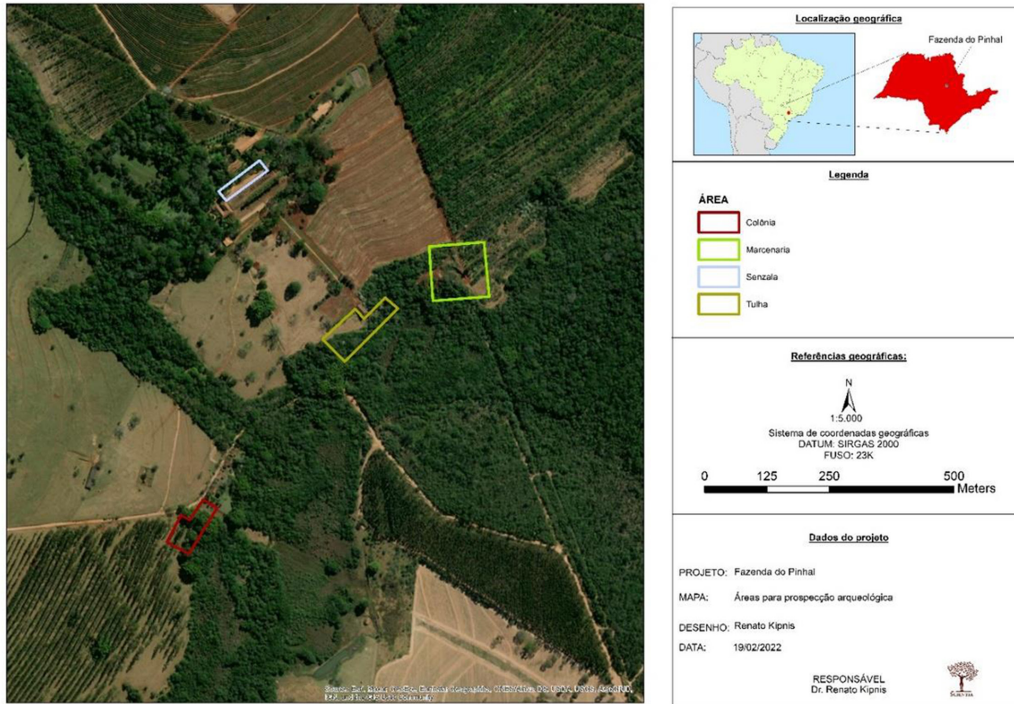


Figura 1: Áreas onde foram realizadas prospecções arqueológicas.



Figura 2: Edificação da antiga senzala. Foto original em preto e branco, colorizada por Marina Amaral. Autor desconhecido, s/d. Acervo do Centro de Estudos, Pesquisa e Educação da Fazenda do Pinhal.

Neste sentido, a ressignificação deste espaço enquanto cenário que representa principalmente a memória diaspórica e afro-brasileira é mais um desafio, uma vez que, historicamente, a memória social é o lugar da homogeneidade e , reconhecendo-a nesse lugar estático e unifor-

me, seus herdeiros são sujeitos brancos. Felizmente as discussões sobre uma descolonização do saber têm tomado força e forma nos últimos 30 a 40 anos, onde avançamos diante do caminho da formação de instituições organizadas e protagonizadas pela comunidade negra (CASA SUELI CARNEIRO, 2023, p.16). Neste processo de resgate e ressignificação, o trabalho arqueológico tem se mostrado uma ferramenta potente. Desde os primeiros trabalhos de campo, a equipe de pesquisa reconhecia os desafios impostos por esse contexto arqueológico intensamente transformado. Reformas sucessivas, mudanças de uso e constantes intervenções ao longo de mais de um século havia descaracterizado o edifício, sem, no entanto, alterar drasticamente sua volumetria e *layout* geral original (Figura 3 e 4). A expectativa inicial era de que o piso de chão batido inicial da antiga senzala estaria extremamente impactado e apresentando baixíssima preservação de contextos e cultura material. Ainda assim, as campanhas realizadas entre 2022 e 2025 revelaram vestígios e contextos surpreendentemente preservados, permitindo vislumbrar aspectos materiais e imateriais do cotidiano de pessoas escravizadas que viveram, sobreviveram e trabalharam na Fazenda do Pinhal.



Figura 3: Execução das obras de execução na área externa da antiga senzala. Imagens com revelação datadas respectivamente em 03/07/1998 e 15/01/1997. Acervo do Centro de Estudos, Pesquisa e Educação da Fazenda do Pinhal.



Figura 4: Edificação da antiga senzala após última reforma e restauro em 2016. Foto: Mariane Pereira. Acervo: Scientia, 2025.

Combinando prospecção sistemática de subsuperfície por meio de georradar (GPR - *Ground Penetrating Radar*) e escavação arqueológica de anomalias identificadas, foi possível identificar em um primeiro momento, diferentes pisos de ocupação do edifício, com a presença de uma fogueira na base da sequência dos diferentes estratos. A base desta, a aproximadamente 50 cm de profundidade em relação ao piso mais recente, estabeleceu a cota do piso original da antiga senzala; que por sua vez serviu de guia para a escavação de superfície ampla realizada em uma área de 212m<sup>2</sup> utilizando o método de decapagem (Figura 5, 6 e 7).

A partir da confirmação do potencial arqueológico da área interna da antiga senzala, a pesquisa se defrontou com dois desafios: identificar, documentar e registrar contextos e remanescentes materiais legíveis; e garantir a construção coletiva de sentido a partir desses achados. Fogueiras estruturadas, fragmentos cerâmicos e vítreos, elementos metálicos, restos de fauna e pisos de terra batida foram apenas alguns dos indícios que emergiram das escavações, revelando práticas cotidianas como preparo de alimentos, aquecimento e, possivelmente, rituais (SLENES, 2012; GOMES E SYMANSKYI, 2022).



Figura 5: Varredura com GPR na área interna da antiga senzala. Acervo: Scientia, 2023.



Figura 6: Unidade após escavação e camadas estratigráficas associadas à estrutura de combustão (sedimento branco com fragmentos de carvão). Foto: Mariane Pereira. Acervo Scientia, 2023.

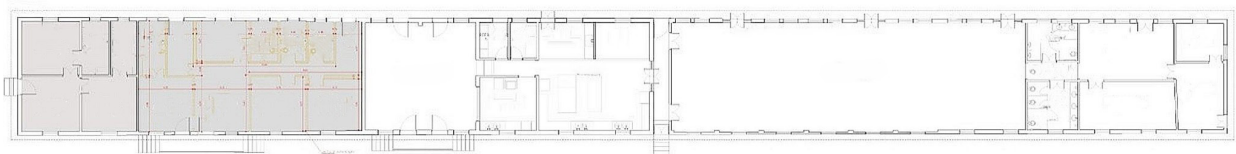


Figura 7: Planta arquitetônica da antiga senzala com destaque da área escavada. Acervo Scientia, 2025.

Mas a relevância do trabalho não residiu apenas nos resultados técnicos. Uma vez identifi-

cado os vários pisos de ocupação (Figura 6) quando da escavação da primeira sondagem arqueológica na área interna da antiga senzala, e tomada a decisão da realização de uma escavação ampla, o que implicou na remoção de paredes, pisos e contrapisos; o projeto passou a ser moldado por uma articulação crescente entre a equipe de arqueologia e diversos agentes sociais, como moradores, ex-funcionários da fazenda, educadores, representantes de terreiros, estudantes, pesquisadores e ativistas do movimento negro. Essa dimensão participativa e colaborativa, embora não formalmente prevista no projeto inicial, já estava presente em nosso horizonte como uma preocupação ética e política. Foi se consolidando, ao longo do processo, como força motriz da pesquisa, influenciando metodologias, perguntas e até mesmo a leitura dos vestígios. Mais do que uma estratégia de mediação, a participação e colaboração passou a compor o próprio núcleo da investigação, como força que desestabilizava certezas e reinventava os modos de narrar o passado.

Foi possível perceber desde cedo, que os desafios da pesquisa não estavam apenas no subsolo: os silêncios e as tensões em torno da memória da senzala indicavam que o apagamento operava também no plano simbólico. As ausências documentais se somavam às lacunas de reconhecimento e escuta. Nesse sentido, a escavação da antiga senzala tornou-se um lugar de convergência entre saberes, experiências e memórias em disputa, exigindo uma arqueologia capaz de dialogar com o vivido, o esquecido e o silenciado. Processo esse só possível pela sabedoria da ouvida e do diálogo, ter a capacidade de escutar o (a) outro(a) e conversar.

### **ENTRE SILÊNCIOS HERDADOS E NARRATIVAS CONSTRUÍDAS**

A criação de um grupo conceitual foi um marco no aprofundamento das discussões em torno da arqueologia e da memória na Fazenda do Pinhal. Reunindo pesquisadores e pesquisadoras em conjunto com o grupo de agentes sociais locais, esses encontros semanais se tornaram espaços de elaboração coletiva, nos quais se debatiam tanto os rumos das escavações quanto os eixos narrativos do filme documentário em desenvolvimento.

Todos os participantes eram convidados a compartilhar suas percepções, memórias e sugestões, e a diversidade de experiências era um dos elementos mais ricos desse processo. Entre os integrantes estavam membros das famílias Silva e Zacarias, que foram trabalhar na fazenda no período pós-abolição. Essas famílias mantêm, até hoje, vínculos profundos com o local: seja por meio de laços de trabalho, como no caso de membros ainda atuantes na equipe da fazenda, seja por laços de moradia e até afetivos. A presença dessas famílias foi essencial para a preservação da propriedade nos momentos de maior decadência, tendo no Senhor José da Silva e Dona Virgínia (*in memoriam*) figuras centrais na manutenção cotidiana dos espaços.

Foi em um desses encontros que emergiu uma das falas mais marcantes de todo o projeto. Daniel Alexandre Silva, o filho mais novo do casal Senhor José da Silva e Dona Virgínia, compartilhou a descoberta recente de que havia nascido e crescido em um edifício que fora, no passado, uma senzala, fato até então desconhecido por ele e por outros membros da família. Sua fala

tornou visível não apenas uma ausência de informação, mas um silêncio estruturante sobre o passado escravocrata do lugar:

Foi um processo, pra mim... trouxe um pouco de frustração de não saber, de ter vivido ali tanto tempo sem conhecer a história do lugar. Foi também um tipo de apagamento pra minha família. Uma forma de apagamento mesmo. Porque a gente cresceu ali, viveu ali, e só descobrir isso há menos de um ano... é meio frustrante.

[...] Então, o lugar onde eu nasci e vivi... saber agora que era uma senzala, isso mexe muito. Eu sinto que a escavação ajudou a processar tudo isso, trouxe à tona essa camada de esquecimento. Então, teve sim essa dor da frustração, mas também veio um desejo de valorizar esse período da nossa vida aqui (SILVA, 2025b, p.24-25).

A narrativa de Daniel ecoa a experiência de sua irmã, Neusa Silva, que também cresceu no local e atualmente integra a equipe de funcionários da Fazenda. Ela descreve, com simplicidade e impacto, a surpresa ao descobrir a história do edifício:

[...] Nós moramos aqui quando era criança, acho que tinha uns oito anos, dez anos. Daí nós moramos aqui nesse espaço, mas a gente não sabia que era a senzala. [...] Eu descobri agora que a turma<sup>4</sup> falou [...]. Foi o ano passado que eu descobri que aqui era a senzala (SILVA 2025e, p. 70).

Esses depoimentos revelam que o apagamento, inicialmente cogitado por arqueólogos e arqueólogas como um possível fenômeno estritamente material, resultado de alterações estruturais na edificação, se manifestava também de forma simbólica e subjetiva. A ausência de vestígios tangíveis do passado escravocrata era acompanhada pelo silenciamento ou diluição dessa memória na oralidade dos moradores mais antigos.

Estamos, portanto, diante de um duplo apagamento: físico, em função da descaracterização do edifício ao longo das décadas; e simbólico, à medida que o uso da senzala enquanto espaço de confinamento e trabalho forçado foi sendo gradualmente substituído por outras finalidades, gerando diversas narrativas e sentidos ao longo do tempo.

Conforme relato de Donizete Silva<sup>5</sup>, um dos membros mais velhos da família e atual encarregado da fazenda, durante conversa realizada na Fazenda do Pinhal, em São Carlos (SP), em 2024, contribuiu com uma leitura própria desse processo. Segundo ele, o silêncio dos mais velhos sobre o passado escravocrata pode ter sido uma escolha deliberada, motivada pelo desejo de proteger as gerações seguintes da dor e da humilhação associadas à escravidão. Para Zete, como é chamado pelos irmãos, esse esquecimento não é passivo: é um gesto de cuidado, resi-

<sup>4</sup> Aqui Neusa se refere a equipe de pesquisa da Arqueologia como “turma”.

<sup>5</sup> Comunicação pessoal com Donizete Silva, realizada na Fazenda do Pinhal, São Carlos (SP), em 2024.

liência e resistência frente à violência do passado.

Nesse movimento dual de esquecimento e valorização, a família Silva também resgata e reivindica uma outra camada temporal, aquela ligada à sua própria história recente no edifício. Para eles, o espaço que antes fora senzala é também o lugar onde onze dos doze irmãos nasceram e viveram juntos. Essa dimensão afetiva complexifica o debate sobre a memória: não se trata apenas de escavar o passado escravocrata, mas também de reconhecer o enraizamento familiar e comunitário que veio depois.

Foi a partir dessa tensão entre tempos e memórias que surgiram discussões em torno do que deveria ou não ser preservado. Com o avanço das escavações, descobriram que abaixo do piso de cimento queimado, de sua moradia e de tantas memórias, e do piso de lajota, se encontrava preservado o esquecimento.

Uma vez identificado os diferentes pisos (*i.e.*, cimento queimado, lajota/tijoleira, chão batido), preservados em lugares diferentes no espaço escavado, tornou-se necessário definir recortes temporais para a continuidade da pesquisa arqueológica. Em uma decisão tomada coletivamente pelo grupo conceitual, que incluía justamente os moradores que haviam habitado a antiga senzala em décadas recentes, optou-se pela remoção dos pisos vinculados à ocupação mais recente da família Silva bem como de outras famílias descendentes de imigrantes; deixando somente uma pequena área com a estratigrafia das diferentes camadas de ocupação bem preservada, com testemunho. A escolha, longe de apagar sua presença, reafirmava o compromisso com a escuta e o reconhecimento dessa memória, mesmo que, naquele momento, o foco da pesquisa exigisse alcançar camadas mais profundas da história do local.

## **CULTURA MATERIAL, MEMÓRIA E PARTICIPAÇÃO: ENTRE OBJETOS, PISOS E FALAS**

### **Pisos e fogueiras**

A partir da primeira sequência estratigráfica identificada na área interna da antiga senzala (Figura 5) com uma fogueira na base desta estratigrafia, sugerindo um marco espacial para o piso “original” da senzala a aproximadamente 50cm de profundidade, e com o resultado das escavações amplas realizadas, foi possível confirmar a presença do que no passado foi o chão batido habitado pelos escravizados; uma vez que foram identificadas nove estruturas de combustão/fogueiras, todas com a base/ou superfície variando entre 40 e 50 cm de profundidade (Figura 8), apontando para correlação de horizontalidade a partir de um evento único.



Figura 8: Estruturas de combustão (manchas brancas e pretas) sob piso de chão batido e posteriormente “cortadas” por valas escavadas para instalação de rede elétrica. Foto: André Gontijo. Acervo Scientia, 2025.

No nível deste piso antigo entre, os vários artefatos de cultura material, duas moedas com data de 1827, uma de 20 réis, outra com valor ilegível (Figura 9) foram exumadas, reforçando a antiguidade deste piso e sua contemporaneidade com o período da escravidão na Fazenda do Pinhal. Dando mais robustez a esta hipótese, foi a exumação de uma moeda de 400 réis, datada de 1926, encontrada logo acima do piso de lajotas assentado sobre o piso de chão batido. Além desta moeda, outros elementos diagnósticos de cultura material do início do século XX foram recuperados, como bicos de pena para caligrafia, ampolas de vidro e fragmentos de louça dentre outros.



Figura 9: Moedas recuperadas na antiga senzala. Foto: Náatali Leal. Edição: Gustavo Santos. Acervo Scientia, 2025

As fogueiras em contextos de senzalas representam um importante marcador arqueológico e cultural das práticas cotidianas das populações escravizadas. Associados a essas estruturas estão um sedimento queimado, escurecidos, grande quantidade de carvões, cinzas, e por vezes ossos de animais silvestres e domesticados, além de fragmentos cerâmicos, pequenas espigas

de milho e sementes carbonizadas. Trabalhos recentes em contextos relativos a populações afro-diaspóricas do século XIX tem demonstrados que estruturas de combustão (e.g., fogueiras) são

[...] importantes núcleos de expressão cultural, posto que centralizavam práticas extremamente significativas do cotidiano dos grupos afro-diaspóricos. Isso, aliado à natureza primária do refugio produzido no âmbito dessas práticas, evidencia o caráter das estruturas de fogueira em contexto da diáspora africana como elementos com alto potencial interpretativo para a caracterização e compreensão das vivências da população escravizada que ocorriam fora do olhar das classes dominantes e que, portanto, foram escassamente documentadas nos registros histórico (GOMES e SYMANSKI, 2022, p. 146).

Estas estruturas transcendem seu uso mais mundano, doméstico, para o preparo de alimentos, aquecimento e iluminação; para espaços de sociabilidade e resistência cultural. Elas revelam aspectos do modo de vida, da resistência e da agência cultural dessas comunidades. Fogueiras ao redor das quais histórias e memórias eram narradas, cantos entoados, rituais realizados, atividades essas que demonstrava a capacidade de organização e resistência dos escravizados (REIS, 2003; SLENES, 2012) e que vieram a se tornar matriz da Cultura Brasileira.

Em muitas das tradições africanas o fogo também tinha um caráter sagrado associado a divindades como Xangô, orixá do trovão e da justiça (MOURA, 1987; PRANDI, 2001). As fogueiras arraigadas no piso de chão batido, acabam por torná-lo também um piso sagrado. Este piso, enquanto agenciamento é claro na fala de Jonas Fernandes Araújo, historiador e educador do CEPE:

A senzala da fazenda do Pinhal está tão descaracterizada, que apesar de estar perto, e conviver nesse espaço por cinco dias da semana, há dois anos, nunca realmente senti algo que representasse as pessoas e o que significa uma senzala para uma pessoa preta como sou. Isso mudou quando pela primeira vez pisei com meus pés pretos descalços (por recomendação da equipe da arqueologia), a terra que um dia, as pessoas escravizadas pisaram. Tenho na memória meus pés com as veias saltando sob a pele pisando este chão. Ali foi a primeira vez que me dei conta, sentimentalmente falando, do que era a senzala

Na primeira vez que escavei, o que senti inicialmente foi aquela sensação estereotipada de arqueólogo, de fazer algo legal, de fazer história, além dos textos de dissertação e artigos acadêmicos. Mas a noite, ao acordar de madrugada, vi alguém, como se fosse um espírito, parado na porta (que estava aberta) de meu quarto, olhando para fora, fechei os meus olhos e quando os reabri a imagem voltou. Nunca havia experimentado algo assim. Na manhã seguinte, ao fazer a visita e me aproximar da senzala, do nada, todos os pelos do meu braço arrepiaram, e senti algo como se fosse uma corrente elétrica passando pelo meu corpo. Na segunda vez que escavei, quando dormi, sonhei, e no sonho via a imagem

exata do local onde havia escavado, se aproximando em um close. Somente na terceira vez que pude continuar os dias sem nenhuma experiência “metafísica”. Mas terminei por escrever um poema chamado Senzala.

Enfim, escavar a senzala serviu para me conectar de uma forma mais íntima, com aqueles que vieram antes de mim, e tornaram tudo isso possível, à custa do corpo, da vida, de tudo.

Senzala

Meus pés descalços pisaram a terra  
Uma terra vermelha, de sangue  
Minhas mãos ásperas remexeram a terra  
Uma terra dura, sofrida  
Meu corpo quebrado penetrou a terra  
Uma terra que agora é minha  
(SCIENTIA, 2024, p. 13-14)

### **Vestígios do chão: a materialidade da senzala**

As escavações realizadas na antiga senzala da Fazenda do Pinhal identificaram um conjunto expressivo de objetos diretamente associados ao piso original de chão batido (Figura 10): cachimbo, conta de colar, restos faunísticos com marcas de corte, fragmentos cerâmicos e de vidro e uma moeda datada de 1827. Esses materiais estavam dispostos em associação horizontal com estruturas de combustão (fogueiras), compondo um contexto arqueológico interpretado como pertencente ao período da escravização.

Mais do que contextos e indicadores materiais de uma ocupação passada, esses objetos operam como mediadores de camadas de sentido, afetivas, políticas e espirituais, que se intensificam quando reativadas pelas falas de quem hoje se relaciona com esse lugar.



Figura 10: Piso de chão batido na cota -50 cm, com fragmento cerâmico incrustado e negativos de fragmentos vegetais. Foto: Renato Kipnis. Acervo Scientia, 2025.

### **O cachimbo e o ancestral: memória e religiosidade**

Dois cachimbos de barro foram exumados no nível associado à ocupação de escravizados na área escavada da antiga senzala (Figura 11). Cachimbos em contexto arqueológico da diáspora africana no Brasil foram encontrados em diversos sítios arqueológicos na região nordeste e sudeste, interpretado como evidência de circulação de objetos, uso cotidiano, ritualístico e religioso em espaços de socialização, manutenção de tradições africanas e resistência cultural.



Figura 11: Cachimbos recuperados na antiga senzala. Foto: Nátali Leal. Edição: Gustavo Santos. Acervo Scientia, 2025.

Entre os materiais escavados, o cachimbo se destacou como um dos elementos mais evocativos. Gabriela Silva, historiadora e educadora do CEPE, interpreta o objeto como símbolo de ancestralidade e resistência espiritual:

[...] o uso no cotidiano, mas também religioso, era bastante reprimido naquela época. Então, para quem conhece a religião de matriz africana, sabe da importância desse símbolo para essa população, que é uma forma de conexão com o ancestral, é uma forma de cuidado, é uma forma de proteção, está conectado com essa sacralidade. [...] Elas estiveram aqui, elas estão aqui. Elas não estão no papel. Elas estão aqui (SILVA, 2025d, p. 04).

Benedito Silva, um dos membros mais velhos da família Silva e morador da edificação por várias décadas, foi confrontado com uma memória material potente ao ver o cachimbo encontrado na escavação, objeto exumado justamente por seu sobrinho, Daniel Silva. A peça despertou lembranças de sua mãe e das tradições familiares:

E era tradição o cachimbo. Minha mãe, mesmo fumou o cachimbo até pouco antes de morrer, fumava e acendia. Tem aqueles que plantavam o fumo, ia lá, acendia o cachimbo, ficava. E era tradição, é verdade. Mas o negro é que usava o cachimbo (SILVA, 2025a, p. 170).

Essas leituras posicionam o cachimbo como testemunho da continuidade de práticas afro-brasileiras, mesmo sob repressão. Casimiro Lumbandanga, músico e liderança do movimento negro em São Carlos, destacou:

Esse cachimbo acho que é simbólico, assim como quaisquer outros materiais que foram encontrados — cerâmicas, moedas [...]. Encontrar todos esses objetos, na verdade, é uma grande alegria também, porque, por outro lado, uma grande tristeza [...] significa que pessoas estiveram aqui, que vivenciaram nesse lugar, que construíram o espaço lúdico das cantigas, das danças que eles trouxeram dos seus países de origem (LUMBANDANGA, 2025, p.147).

Segundo Hissa (2018) as primeiras associações identificadas entre o cachimbo e os escravizados e escravizadas, indistintamente, datam do século XVII, tornando-se abundante no XIX e bem documenta, período para qual há uma rica documentação, não só em documentos históricos, mas na literatura e iconografia:

[...] “uma associação que será intensamente recorrente no século XIX, entre os escravizados e o pito (HISSA, 2018, p. 34).

Já em anúncios em jornais de escravizados fugidos, declarava-se a recompensa pela devolução do escapado, descrito, muitas vezes, pelo uso do cachimbo.” (Hissa, 2018, p. 35)

Além do viajante, do criado, do militar e do homem do mar, é forte a associação entre negros escravizados ou não é cachimbos [...]. Em 1860, Charles Ribeyrolles novamente no Rio de Janeiro, agora no meio rural, descreve hábitos de escravizados empregados em lavoura, onde são concedidos alguns minutos para o cachimbo após o almoço, tanto a homens quanto a mulheres negros (BRUNO, 2001) (HISSA, 2018, p. 37).

Em suma, apesar de algumas menções textuais a homens abastados como fumantes de cachimbos, salta aos olhos a repetição desses implementos como preferência de classes mais pobres, escravizados, tropeiros, viajantes, pescadores e homens do mar. É muito interessante observar a presença marcante de mulheres cachimbadoras, tanto escravizadas quanto livres e senhoras. Essa relação também é bastante ilustrada na iconografia da época (HISSA, 2018, p. 43).

Esses diferentes testemunhos e registros arqueológicos, orais, históricos e iconográficos revelam a densidade simbólica do cachimbo enquanto prática de sociabilidade, cuidado e espiritualidade. Mais do que um objeto, ele materializa presenças, afetos e resistências silenciadas, inscrevendo, no solo da antiga senzala, a permanência de saberes e modos de vida afro-brasileiros que atravessaram séculos.

### **Contas de colar: entre proteção, estética e identidade**

Contas de colar, muito além de adornos pessoais, estão intrinsecamente ligadas às práticas de resistência, identidade e religiosidade entre os africanos escravizados e seus descendentes no Brasil. São objetos que perpassam por aspectos religiosos, amuletos de proteção espiritual, elementos de identificação étnica ou de nação e de afirmação pessoal.

A presença de duas contas de colares de vidro, recolhidas próximas as fogueiras, também provocou interpretações densas. O babalorixá Isaias associou imediatamente uma das peças às memórias de culto aos Orixás: “[...] a conta que foi encontrada na cor amarela, que me remete a Oxum, né? E que muito antigamente alguém já cultuava a Oxum [...] era de Oxum que tinha uma conta (SILVA, 2025, p 108).

Fábio Velame, professor da UFBA e pesquisador das religiões afro-brasileiras, destacou que:

As contas são um elemento vinculado à religião de matriz africana de várias nações de origem nação Ketu, Ijexá nagô de origem banto como Angola, de origem dominicana como Jejê e de suas derivações mais Jejê, Morumbi, Jejê, Sabá, Lua e tantos outros que tem

esse elemento de conexão do indivíduo que é iniciado com o Orixá, algo do Inkisi ao qual ele tem de soar seu Ori e que é o regente que é o dono da sua cabeça, que é o seu Ori.

Aí tem uma dimensão simbólica de conexão do corpo e da energia dessa pessoa que o conecta com a energia da ancestralidade, tanto que a dimensão dele tem que ser uma dimensão que abrigue o Ori através do pescoço e passe pelo umbigo e não se conecta com um ventre, com o útero da mãe que faz essa ligação e simbolicamente essa conta ela tem que atravessar e abraçar o Ori umbigo como um dos elementos que faz a conexão em termo de energia com a centralidade (VELAME 2025, p. 128-129).

Já o arqueólogo Luís Cláudio Symanski, especialista em contextos da diáspora, observou que contas semelhantes são recorrentes em escavações em áreas de senzala, tanto no Brasil quanto no Caribe e nos Estados Unidos, ligadas a práticas identitárias e espirituais:

[...] as contas de colar de vidro e que eram caras tanto as populações africanas da África Oriental, África Ocidental, África Central, quanto as populações escravizadas na diáspora, então são comuns de ser encontradas em espaços de senzalas, seja nos Estados Unidos, no Caribe ou nos espaços de senzala do Brasil. É algo que a gente sempre acaba encontrando, sempre em pequeno número, porque elas são comuns de se encontrar em maior quantidade em contextos de sepultamento (SYMANSKI, 2025, p. 96).

Essas interpretações ganham ainda mais força quando se considera que, conforme registrado por Brito (2019, p. 351), as contas estavam presentes nas descrições de escravizados foragidos, evidenciando seu uso como marcadores de identidade, com cores detalhadamente mencionadas. No contexto do Cais do Valongo, por exemplo, as contas azuis facetadas eram especialmente valorizadas, sugerindo que pessoas escravizadas faziam escolhas refinadas dentro das opções acessíveis, agregando valor simbólico e estético às peças (BRITO, 2019, p. 360).

Segundo Tânia Andrade Lima e colegas (2014, p. 113), a predominância das contas azuis no Valongo indica não apenas um padrão de gosto, mas também uma conexão com práticas mágico-religiosas dos grupos mais presentes na região, especialmente os centro-africanos, e com as disponibilidades no mercado atlântico, desafiando interpretações que limitam o significado das contas ao contexto afro-americano.

Isabel Suguimatsu (2019, p. 315) lembra que esses “pequenos achados”, como contas, figas e búzios, constituem uma classe especial de artefatos, muitas vezes ligados a práticas religiosas e rituais de passagem. Em escavações na senzala dos Jesuítas em Campos dos Goytacazes, contas foram encontradas em contextos cotidianos, o que reforça a ideia de uso ordinário, e não exclusivamente funerário (SUGUIMATSU, 2019, p. 331–332). A autora propõe uma leitura que rompe com oposições binárias entre sujeito e objeto, ressaltando que, em cosmologias de matriz africana, os objetos podem ser dotados de agência e energia vital, sendo fundamentais para a manifestação

do sagrado (SUGUIMATSU, 2019, p. 335–336).

Essas perspectivas dialogam diretamente com a cultura material exumada das escavações na Fazenda do Pinhal, onde as contas foram encontradas em associação a elementos e estruturas reconhecidos por sua centralidade em práticas culturais e espirituais da diáspora africana. Ambas estavam próximas a estruturas de fogueira: uma delas, de cor amarela, apareceu junto a um dedal e a uma camada de sedimento mais compactado, repleta de ossos de fauna, carvões e pequenas pedras, sugerindo um contexto denso de deposição intencional. Já a outra, de cor branca, foi localizada nas proximidades de dois búzios, sendo que um deles apresentava perfuração, o que indica seu possível uso como adorno corporal ou objeto ritual. Nesse contexto, o achado dessas contas não constitui apenas um vestígio arqueológico isolado, mas revela redes de sentido entre corpo, território e ancestralidade, testemunhos silenciosos de práticas cotidianas de resistência que se inscrevem nos espaços mais íntimos da senzala.

### **Entre rezas e encantamentos: as marcas do sagrado**

O contexto do piso de chão batido original com presença de fogueiras, cachimbos e fragmentos cerâmicos foi associado por diversos interlocutores a práticas espirituais. Ialorixá Luciana dos Santos, ao visitar a área escavada, compartilhou sua percepção sobre o espaço como território ancestral e destacou o papel transformador do fogo nos rituais de matriz africana:

[...] o fogo, ele transforma, ele transmuta a tudo aquilo que é ofertado a ele. Então o fogo é o renascimento. Através do fogo a gente renasce. E não só o fogo, porque através do fogo também é preparado o alimento, tanto para o Orixá quanto para a pessoa. Então tudo a gente oferta ao Orixá de maneira energética e o que sobra da matéria é consumido pelo homem para fortalecer também o seu corpo físico (SANTOS, 2025, p. 102).

Essa perspectiva converge com as reflexões de Fábio Velame, que enfatiza a dimensão coletiva e simbólica da fogueira como espaço de axé no cotidiano da senzala:

No caso da senzala, como esse espaço de sociabilidade, de encontro que pode ser utilizado para atividades de produção de alimentos de forma coletiva, com a produção de ferramentas, mas também para produção de alimentos e, sobretudo, de e de sociabilidade em torno da própria fogueira que a fogueira também é o lugar de encontro. Apesar de toda opressão e toda a violência, de todo o medo que o sistema escravocrata pode imprimir, sobretudo no espaço da senzala que materializa espacialização, essas relações mais em torno da fogueira. Na fogueira tem o axé na fogueira, tem energia em volta dela. Os filhos de Xangô de são bons, de cada um se encontram, se agrupam para poder socializar e ter um pouco de esperança (VELAME, 2025, p. 130).

Para além de suas funções práticas, as fogueiras são também compreendidas como espaço de força e espiritualidade. Os objetos ali encontrados não são vistos apenas como vestígios materiais, mas como elementos de continuidade simbólica e afetiva, ressonâncias de práticas de cuidado, conexão com os ancestrais e permanência da fé em contextos de violência resistência e resiliência.

### **Materialidades compartilhadas: do individual ao coletivo**

Os significados atribuídos aos objetos variaram conforme as experiências e histórias de cada pessoa, mas também produziram convergências. Para Bruna Bevilaqua, educadora e pesquisadora do CEPE:

[...] a arqueologia fez [...] emergir materialidade, fazer emergir objetos, enfim, fragmentos da história da senzala. [...] Então, hoje a gente ainda não tem um espaço memorial ainda nas escavações, mas a gente vai lá, nem que seja abrir um pouquinho a janela, pedir para o visitante dar uma olhadinha, porque isso já consegue levar para um outro lugar e uma aproximação diferente sobre esse espaço (BEVILAGUA, 2025, p. 13).

Esses testemunhos demonstram como a escuta pública, junto à cultura material, contribui para resgatar experiências apagadas, recompor trajetórias e construir um campo de memória compartilhado.

A articulação entre vestígios arqueológicos e escuta ativa dos atores envolvidos revelou que os objetos associados ao piso da antiga senzala da Fazenda do Pinhal não informam apenas sobre práticas cotidianas do período da escravização, mas também sobre formas de continuidade, ressignificação e presença negra no espaço da fazenda ao longo do século XX. Materiais como o cachimbo e conta de colar ganham novos sentidos quando interpretados à luz das experiências de moradores, religiosos, educadores e pesquisadores envolvidos no projeto. Objetos que antes poderiam ser vistos apenas como fragmentos arqueológicos adquirem valor ampliado como marcadores de memória e presença. Ao integrar análise técnica e escuta atenta, o projeto evidencia como a cultura material pode contribuir para qualificar a interpretação do passado, enfrentar silenciamentos históricos e reforçar vínculos com o presente.

A Fazenda do Pinhal é espaço de memória e existência, de criação de saberes. Já não resiste ao silêncio. Não mais precisando resistir, ela existe: está na edificação da senzala, no terreiro, no maquinário da tulha, ou no cafezal, e após séculos silenciada, timidamente nos comunica a agência de mulheres, homens e famílias negras, na medida em que a materialidade desta memória é exumada.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As escavações na antiga senzala da Fazenda do Pinhal revelaram mais do que fragmentos do passado. Elas trouxeram à tona histórias esquecidas, sentimentos silenciados e formas de vida que resistiram ao tempo e a violência do apagamento. A arqueologia, nesse contexto, se mostrou mais do que uma técnica: foi uma prática de cuidado, escuta e transformação; expos e mediou conflitos; gerou conhecimento e reconhecimento.

Ao reunir saberes acadêmicos e tradicionais, o projeto foi um marco significativo para recontar a história do local de forma mais justa e inclusiva. Objetos, pisos e vestígios foram importantes, mas o que foi mais profícuo foi o modo como tudo isso foi vivido e interpretado, como o conhecimento foi produzido conjuntamente com ex-moradores, trabalhadores, religiosos, pesquisadores e ativistas que vivenciam a Fazenda do Pinhal hoje.

Durante esse processo, a pesquisa arqueológica se conectou à criação coletiva de um filme documentário. Feito por quem vive, pesquisa e cuida da fazenda, esse filme não é só um registro da escavação, é uma construção coletiva sobre o próprio ato de escavar, ou seja, trata-se de um documentário de arqueologia e não sobre arqueologia. Nesse sentido, esse filme funcionará como uma plataforma de reflexão sobre como o trabalho arqueológico e as conversas ao redor dele, quando articulados, criam imagens, perguntas e formas de lembrar.

Mais do que dar respostas, esse processo levantou questões importantes: quem pode contar a história? Quais partes dela foram esquecidas? E como podemos escutar melhor o que foi silenciado?

Talvez o maior valor dessas escavações esteja no modo como elas foram feitas: com muitas mãos, com escuta atenta e aberta, e com o desejo de fazer justiça à memória de quem passou por ali. A Fazenda do Pinhal, antes lembrada apenas como símbolo da elite cafeeira, hoje também é reconhecida como território de memória negra. Onde o silêncio foi regra, a escuta se tornou ação. E onde antes só havia passado, agora se constroem novas formas de presença.

### **Agradecimentos**

A realização desta pesquisa e do filme documentário em curso só foi possível graças à escuta generosa, à entrega afetiva e à colaboração de muitas pessoas que contribuíram com seus saberes, memórias e presenças ao longo do processo. Agradecemos especialmente ao CEPE da Fazenda do Pinhal, pelo fornecimento de dados e pesquisas sobre o local, e às pessoas que partilharam seus depoimentos: Alice T. S., Ana Gabriela da S. S., Babalorixá Izaias A. S., Benedito Z. N., Bruna C. B., Carlos Eduardo da S., Casimiro P. “Lumbandanga” da S., Dagoberto J. F., Daniel A. S., Donizetti A. S., Fábio M. V., Ialorixá Luciana S., Isaque J. F. C. S., Jorgina A. S., Maria de Sousa Z., Luís Cláudio P. S., Neusa da S., Paulo César G. M. e Vladimir B.

### **Referencias bibliográficas**

BEVILAGUA, Bruna. Depoimento. In: PROJETO ARQUEOLOGIA NA FAZENDA DO PINHAL. Trans-

- crição dos depoimentos: depoimentos registrados para o filme documentário em processo de montagem (2024/2025). Direção: Joana D’Arc; Marcelo Eme. São Carlos, SP: [s.n.], 2025. p. 13.
- CASA SUELI CARNEIRO. Raízes e asas: memória para autonomia negra. (Org) CARNEIRO, Natália de Sena; JUNQUEIRA, Leticia e ALVES, Isabela. 1. ed. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2023.
- GOMES, Lara Espechit; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Fogueiras afrodiaspóricas no Sudeste e Centro-Oeste do Brasil: cotidiano, ancestralidade e ritual. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 16, n. 1, p. 122–149, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v16i1.34771>
- BRITO, P. C. L. O Cais do Valongo e suas Contas: comércio e participação escrava. In SILVA, Vanícléia Santos, SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira & HOLL, Augustin (Eds.), *Arqueologia e história da cultura material na África e na diáspora africana*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. pp. 337–361.
- HISSA, Sara. O Petyn no cachimbo branco: arqueologia e fumo nos séculos XVII ao XIX. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/download/15092/12061/41472>. Acessado em 23/06/2025.
- LIMA, Tânia Andrade; SOUZA, Marcus Andre Torres; SENE, Gláucia Malerba. Weaving the Second Skin: Protection Against Evil Among the Valongo Slaves in Nineteenth-century Rio de Janeiro. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, v. 3, n. 2, p. 103–136, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1179/2161944114Z.00000000015>. Acessado em 20/06/2025
- LUMBANDANGA, Casimiro. Depoimento. In: PROJETO ARQUEOLOGIA NA FAZENDA DO PINHAL. Transcrição dos depoimentos: depoimentos registrados para o filme documentário em processo de montagem (2024/2025). Direção: Joana D’Arc; Marcelo Eme. São Carlos, SP: [s.n.], 2025. p. 147.
- MARINS, Paulo C. Plano diretor para Gestão Patrimonial da Fazenda do Pinhal. São Carlos, SP: [s.n.], 2021.
- MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1987.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês (1835)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- RIBEIRO, David. *Caminhadas indígenas, quilombolas e afro-diaspóricas: mobilizando as políticas culturais e a produção do conhecimento por narrativas plurais da História (1988-2020)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2022.
- SANTOS, Luciana dos. Depoimento. In: PROJETO ARQUEOLOGIA NA FAZENDA DO PINHAL. Transcrição dos depoimentos: depoimentos registrados para o filme documentário em processo de montagem (2024/2025). Direção: Joana D’Arc; Marcelo Eme. São Carlos, SP: [s.n.], 2025. p. 102.
- SCIENTIA. *Arqueologia na Fazenda do Pinhal, Município de São Carlos – SP: relatório final de cam-*

- po. São Paulo: Scientia Consultoria Científica, 2024.
- SILVA, Benedito. Depoimento. In: PROJETO ARQUEOLOGIA NA FAZENDA DO PINHAL. Transcrição dos depoimentos: depoimentos registrados para o filme documentário em processo de montagem (2024/2025). Direção: Joana D’Arc; Marcelo Eme. São Carlos, SP: [s.n.], 2025a. p. 170.
- SILVA, Daniel. Depoimento. In: PROJETO ARQUEOLOGIA NA FAZENDA DO PINHAL. Transcrição dos depoimentos: depoimentos registrados para o filme documentário em processo de montagem (2024/2025). Direção: Joana D’Arc; Marcelo Eme. São Carlos, SP: [s.n.], 2025b. p. 24–25.
- SILVA, Gabriela. Depoimento. In: PROJETO ARQUEOLOGIA NA FAZENDA DO PINHAL. Transcrição dos depoimentos: depoimentos registrados para o filme documentário em processo de montagem (2024/2025). Direção: Joana D’Arc; Marcelo Eme. São Carlos, SP: [s.n.], 2025d. p. 4.
- SILVA, Isaias Ambrozio da. Depoimento. In: PROJETO ARQUEOLOGIA NA FAZENDA DO PINHAL. Transcrição dos depoimentos: depoimentos registrados para o filme documentário em processo de montagem (2024/2025). Direção: Joana D’Arc; Marcelo Eme. São Carlos, SP: [s.n.], 2025c. p. 108.
- SILVA, Neusa. Depoimento. In: PROJETO ARQUEOLOGIA NA FAZENDA DO PINHAL. Transcrição dos depoimentos: depoimentos registrados para o filme documentário em processo de montagem (2024/2025). Direção: Joana D’Arc; Marcelo Eme. São Carlos, SP: [s.n.], 2025e. p. 70.
- SLENES, Robert W. Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- SUGUIMATSU, Isabel Cristina. Para adornar e proteger: contas de colar, corpos e escravidão. In SILVA, Vanicléia Santos, SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira & HOLL, Augustin (Eds.), Arqueologia e história da cultura material na África e na diáspora africana. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 311–336.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Depoimento. In: PROJETO ARQUEOLOGIA NA FAZENDA DO PINHAL. Transcrição dos depoimentos: depoimentos registrados para o filme documentário em processo de montagem (2024/2025). Direção: Joana D’Arc; Marcelo Eme. São Carlos, SP: [s.n.], 2025. p. 96.
- VELAME, Fábio. Depoimento. In: PROJETO ARQUEOLOGIA NA FAZENDA DO PINHAL. Transcrição dos depoimentos: depoimentos registrados para o filme documentário em processo de montagem (2024/2025). Direção: Joana D’Arc; Marcelo Eme. São Carlos, SP: [s.n.], 2025. p. 128–130.

Recebido em: 30/06/2025  
Aprovado em: 10/07/2025  
Publicado em: 19/12/2025